

UMA ONTOLOGIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE MASSAS E O PROTAGONISMO ATUAL DAS MULHERES

Maria Orlanda Pinassi

Livre-docente em Teoria Sociológica pela UNESP. Professor de sociologia da FFC/Unesp – Campus de

As relações de gênero não podem ser entendidas como algo isolado da sociedade. Numa sociedade dividida em classes é evidente que nenhuma relação está desvinculada do contexto da luta de classes.

Christiane Campos.¹

As ideologias que apregoaram a *Modernização Industrial do Terceiro Mundo* como forma de garantir democracia e qualidade de vida para a classe trabalhadora fracassaram.² Desde finais dos anos de 1960, o crescimento requerido pelo capital se mantém mediante níveis altíssimos de concentração da riqueza material socialmente produzida, de políticas de incentivo ao desemprego crônico, à perda progressiva de direitos trabalhistas, à degradação inigualável das condições de trabalho – entre as quais cresce a

ocorrência das relações de escravidão³, e uma alarmante destruição do ecossistema.⁴

O fenômeno é planetário, mas seus efeitos mais devastadores continuam a ser sentidos nos países de extração colonial –, elo débil do desenvolvimento desigual e combinado do sistema sócio-metabólico do capital que ao longo da história impôs uma estrutural miserabilidade à classe trabalhadora servindo-se principalmente disso para absorver o permanente desequilíbrio causado por suas contradições. Uma boa demonstração disso é trazida por Vasopollo que afirma:

³ Importante observar o crescimento desta forma de trabalho através dos relatórios anuais divulgados pela CPT: www.cpt.org

⁴ Na América Latina, o desenvolvimento é atualmente capitaneado pelo agro-negócio – transnacionais do setor à frente - que, além de reproduzir, em amplo espectro, a nossa predisposição agroindustrial-colonial, estreita ainda mais os nossos laços de dependência efetiva. Veja-se, por exemplo, o caso das usinas de cana-de-açúcar-e-álcool sob o controle acionário de grupos encabeçados por George Soros, pela Sun Microsystem, Merrill Lynch etc. Sobre a questão, consulte Mendonça, M. Luisa e Melo Marluce. “Cresce o número de empresas estrangeiras de etanol no Brasil” em jornal *Brasil de Fato*, 28/3/2008.

¹ Christiane Campos é jornalista, economista e doutoranda em Geografia. Contribui no Setor Nacional de Gênero pelo MST/RS.

² Consultar, entre outros, Dagnino, E. et alli. *Democracia, sociedade civil e participação*. (Chapecó, Argos, 2007).

O processo demográfico, a globalização neoliberal, a comunicação, o nível de educação, o progresso tecnológico e o desenvolvimento organizativo são os fatores que influenciam a relação entre demanda e oferta de trabalho. Enquanto no mundo denominado “desenvolvido”, onde estão concentradas todas as atividades científicas, o índice de desemprego varia entre 4% e 14%, no mundo dos países mesmo índice varia entre 10% e 20%. No denominado Terceiro Mundo, ao contrário, não é possível medir o desemprego porque não existem regras ou instrumentos capazes de calcular o número daqueles que têm um trabalho real. Neste contexto, inserem-se as novas figuras, características da flexibilização, seja das funções, seja dos horários.⁵

Frente a este quadro de adversidades, uma nova geração de movimentos sociais de massa eclode na América Latina⁶ para enfrentar as conseqüências das políticas e práticas neoliberais, reagir ao desmanche humilhante do mundo do trabalho, seja no campo, seja nas cidades e oferecer uma alternativa de reorganizá-lo.⁷

⁵ Vasopollo, Luciano, *O trabalho atípico e a precariedade*. Coleção Trabalho e Emancipação (São Paulo, Expressão Popular, 2005), p. 89/90.

⁶ Há uma ampla bibliografia a respeito de onde se destacam as publicações da CLACSO e os sites dos próprios movimentos sociais.

⁷ Segundo dados extraídos da pesquisa realizada por Roberta Lobo junto aos trabalhadores voluntários que participaram da edificação da Escola Nacional Florestan Fernandes, se observa uma “heterogeneidade deste trabalhador sem-terra que ultrapassa a própria diversidade das relações de trabalho no campo brasileiro. Não encontramos apenas o meeiro, o pequeno arrendatário, o

Na perspectiva deste artigo, os *movimentos sociais de massa pautados na centralidade do trabalho*⁸ constituem-se como fundamento ontológico necessário às contingências atuais da classe trabalhadora.⁹ Por isso mesmo não se pode ignorar que esses movimentos sociais fincam raízes nas mediações de segunda ordem¹⁰ e que os

pequeno agricultor familiar, o assalariado subempregado ou o bóia-fria. Além do que já era esperado encontrar, como o pedreiro, o carpinteiro, o marceneiro, tendo em vista a especificidade do trabalho na construção da ENFF, encontramos também o mecânico, o *office-boy*, o *barman*, o varredor de ruas, o operador de máquinas, o eletricitista, o metalúrgico, o trocador de ônibus, etc. Ver a respeito “A dialética do trabalho – a construção da ENFF”, Tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação, UFF, Niterói, 2005.

⁸ Coloco a questão nestes termos a fim de destacá-la conceitualmente das demais formas de movimentos sociais. Maria da Glória Gohn, uma das mais importantes estudiosas da questão no Brasil, em sua ampla bibliografia, descreve e analisa cada um deles. A fim de se ter uma idéia de sua recorrência nestes últimos 30 anos, ver “Mapeamento do cenário dos movimentos sociais no Brasil – 1972-1997” em *Teoria dos movimentos sociais – paradigmas clássicos e contemporâneos* (São Paulo: Edições Loyola, 2004), p. 379-383. Da mesma autora, ver também *Movimentos sociais no início do século XXI* (Petrópolis, Vozes, 2004). Interessante a abordagem do livro *Pensamento crítico e movimentos sociais*. (São Paulo, Cortez Editora, 2005), organizado por Roberto Leher e Mariana Setúbal.

⁹ Ver a respeito Ricardo Antunes, *O caracol e sua concha – ensaios sobre a nova morfologia do trabalho* (São Paulo, Boitempo Editorial, 2005, 135 p.)

¹⁰ “O que Marx combate como alienação não é a mediação em geral, mas uma série de mediações de segunda ordem (propriedade privada – intercâmbio – divisão do trabalho), uma ‘mediação da mediação’, isto é, uma mediação *historicamente específica* da automediação *ontologicamente fundamental* do homem com a natureza. Essa ‘mediação de segunda ordem’ só pode nascer com base na ontologicamente necessária ‘mediação de primeira ordem’ – como a *forma específica, alienada*, desta última. Mas a

indivíduos neles envolvidos estão impregnados dos princípios valorativos estranhados do mundo controlado pelo capital.¹¹ Isso significa que esses indivíduos são trabalhadores – na maioria das vezes, desempregados - em busca de uma nova praxis de enfrentamento das contradições das quais são as principais vítimas, mas isso não os torna incondicionalmente revolucionários.¹² Tal posicionamento postula um processo em construção, algo bem diverso, portanto, dos vaticínios cometidos pelas esquerdas no passado em nome de um proletariado idealmente

instrumentalizado para a revolução. É neste sentido que concordo inteiramente com Traspadini que afirma o seguinte:

Temos que pensar no processo de refazer da esquerda, que não consegue tomar em conta o sujeito enquanto sujeito que pensa e vive. A esquerda, de maneira geral, tem estado subordinada a uma lógica vanguardista de primeiro entender as categorias e conceitos e depois pensar sobre “outras coisas”. Não há um primeiro e um segundo, há um processo dialético bem mais complexo.¹³

No Brasil, são vários os movimentos sociais que, há quase três décadas, eclodem com essas características; dentre eles se destacam o Movimento das Fábricas Ocupadas, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Movimento de Atingidos por Barragens, Movimento de Produtores Agrícolas, Movimento de Trabalhadores Desempregados, Movimento de Mulheres Camponesas e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra que aqui privilegio como foco de estudo.¹⁴

O desafio será acompanhar o cotidiano desses indivíduos a partir dos seus espaços de produção e de reprodução

própria ‘mediação de primeira ordem’ – a atividade produtiva como tal – é um fator ontológico absoluto da condição humana.” István Mészáros, *A teoria da alienação em Marx*, 2007, cit., p. 78, grifos do autor.

¹¹ Isso significa que se mesmo na classe trabalhadora e camponesa as relações entre homens e mulheres se baseiam na exploração, na opressão, na violência, na dominação [...] estes mecanismos vão se naturalizando, de modo que as pessoas não estranham que a sociedade se divida entre alguns que mandam e outros que trabalham, uns que exploram e outros que são explorados, isso pode até ser encarado como injusto, mas natural. Christiane Campos, “As relações de gênero e o MST” em *Construindo novas relações de gênero - desafiando relações de poder*. Setor Nacional de Gênero – MST, mar. 2005, p. 25.

¹² “O trabalho duro e a vida sacrificada levam estes trabalhadores a uma procura do diferente, mesmo sem saber exatamente o que significa este diferente. Muitas vezes o diferente é a idéia de se livrar do patrão, de trabalhar para si próprio, de ter uma casa num loteamento recente sem pagar aluguel, ainda que o trabalho continue ocupando a maior parte do seu dia, permitindo o mínimo de uma alimentação para toda a família, o pagamento das contas básicas e de algumas prestações que facilitam a entrada de uma televisão nova, um aparelho de som, etc. De outro modo, o diferente aparece como saída desta lógica do trabalho exaustivo e submisso, diminuindo cada vez mais a tênue fronteira entre o trabalhador da periferia e o trabalho no campo” em Roberta Lobo, cit., p. 77.

¹³ Traspadini, Roberta. “Machismo, uma contradição na luta”. Entrevista concedida ao jornal *Brasil de Fato* ano 6, n. 262, de 6-12/3/2008, p. 5.

¹⁴ Esses movimentos integram a Via Campesina, organização internacional criada em 1992 que agrega movimentos sociais urbanos e rurais. Para saber mais consultar www.viacampesina.org.

e analisar os saltos qualitativamente ontológicos que estejam efetivamente dando no sentido de construir relações substantivas novas, relações que contribuam para a formação de sujeitos históricos conscientes e no comando efetivo de suas ações.

NOVOS TEMPOS, OUTRAS ORGANIZAÇÕES

Já em 1848, Marx advertia para a necessidade de se “encontrar novamente o espírito da revolução” e da emancipação universal que, permanecendo uma promessa da história, deve ser condição essencial ao proletariado, a única classe social capaz de realizá-la concreta e radicalmente. Nestes 160 anos que nos distanciam daquelas palavras de Marx, foram tantas as *formas contingentes* e as suposições teóricas sobre o modo de ser do verdugo do capital, quanto as tentativas malogradas de realizar aquela sua necessária tarefa histórica.

De fato, durante o longo período de ascensão do capitalismo – algo que prevaleceu até os anos de 1960 – o proletariado conferiu, no campo da luta de classes, um avanço expressivo da sua situação econômica e do seu poder de confronto político. Como vimos, porém, esse avanço se distribuiu tão desigualmente

quanto desigual foi o ritmo do desenvolvimento dos países envolvidos.

Esgotada, por fim, a longa fase administrável ainda que temporária do crescimento, o sistema sócio-metabólico do capital entra numa *crise gigantesca e irreversível*, perante o que só consegue se reproduzir de modo essencialmente destrutivo. Não constitui novidade o fato de que a gravidade da situação mais uma vez recaia, principalmente, sobre as condições de reprodução da classe trabalhadora, cujo poder de combatividade sofre com isso acentuado refluxo no mundo todo. Daí que, diversamente ao que durante muito tempo se pensou, no momento mais complexo e pleno da forma societal controlada pelo capital predominam: a perda progressiva dos direitos arduamente conquistados pela classe trabalhadora e o desemprego estrutural que condena uma quantidade imensa de homens, mulheres e crianças – novamente “livres como pássaros” - à degradação mais absoluta das condições de vida e de trabalho

Neste quadro, a busca por um proletariado ofensivo entre as “positividades” do desenvolvimento objetivado pelo sistema de reprodução do capital é hoje totalmente anacrônica e a insistência nesta expectativa está fadada a uma frustração perigosamente

desmobilizadora¹⁵. Pois, aquele proletariado originário das condições históricas do século XIX sofreu mudanças tão drásticas que hoje seria difícil encontrar algo além de resquícios do que fora naqueles tempos. Ou seja, a continuidade desse processo não pode mais ser pensada como caminho para a emancipação da humanidade, senão do seu cativeiro.

Por muito tempo, os instrumentos tradicionais da organização operária sequer consideraram a possibilidade de incluírem a massa inexoravelmente lançada ao desemprego pelo capital. Até então se pressupunha a suspensão das crises cíclicas e da instabilidade ameaçadora do mercado de trabalho, de onde o desemprego representava desequilíbrio momentâneo e o lumpensinato uma *exceção da regra*, abrangendo um campo social marginalmente desprezível para efeitos de uma revolução socialista.

No entanto, a atualidade revela uma situação bastante diversa, pois o desemprego não só não pode ser considerado momentâneo, como tal condição não necessariamente converte o desempregado em lumpem. O fato também desvenda o caráter limitante e defensivo dos mecanismos tradicionais de

luta do proletariado – os sindicatos e partidos operários vanguardistas –, desmistificando a teleológica associação politicista que se fez entre a consciência da classe e um desenvolvimento pleno do capitalismo com suas instituições democrático-participativas.

O cenário é explosivamente problemático e traz um enorme desafio para o campo da crítica marxista que não pode desconhecer que esta forma societal, fundada necessariamente na insolúvel desigualdade social, resulta de uma concentração tendencialmente verticalizada e abrupta da riqueza material produzida. Isto quer dizer que a essência contraditória desta sociedade atinge sua maioria de modo tão bárbaro que parece tornar impotentes, inúteis e vãos todos os mecanismos ideológicos de controle democrático do conflito latente que, desde a gênese, e apesar de todas as formas contingentes, continua emanando de sua causalidade mais profunda, ou seja, a *subordinação estrutural do trabalho ao capital*.¹⁶

¹⁶ Não coincidentemente, vemos redobrar a frequência da crítica mais ou menos anticapitalista, fruto das múltiplas insatisfações com a atualidade. É daí que surgem as utopias que se multiplicam na mesma razão matemática dos problemas que visam combater. Todas exprimem a reação possível dos grupos que – em parte ou totalmente – ficaram privados dos privilégios proporcionados por este mundo. Ainda que tributários de causas justas, o problema é que, no limite, e com raras exceções, tais tipos de movimentos baseados em causas específicas não conseguem ir além de requisitar o *direito* de melhorar sua posição no *ranking* da sociedade hierarquicamente constituída.

¹⁵ Ver desdobramentos da pesquisa de doutorado desenvolvida por Renan Bandeirante de Araújo, “Juventude e Sociabilidade: o novo perfil operário da Mercedes Benz - ABC” em Jorge Cammarano González, Giovanni Alves, Roberto Leme (orgs.), *Trabalho e Educação: contradições do capitalismo* (Londrina, Global, 2006), p. 276-298.

Mas, como dissemos acima, a degradação estrutural da classe trabalhadora – algo que não causa estranheza nem constitui novidade histórica para países como o Brasil – não só não foi superada pelo desenvolvimento como vem, muito ao contrário, generalizando e banalizando a utilização, de norte a sul do país, de uma nova modalidade de trabalho escravo, em muitos aspectos diferente e ainda mais perversa que a sua antecessora, se for possível afirmar isso.¹⁷ A tragédia se completa com o recrudescimento da relação monopólica que atualmente se estabelece entre países ricos e pobres que, por intermédio dos capitais transnacionais voltados ao agronegócio, desenha um quadro de sugestiva e generalizada colonialidade para estes últimos.¹⁸

O MST E O DESAFIO DA AUTOCRÍTICA PERMANENTE

Paradoxalmente às condições sociais que ora vigem na América Latina, o fenômeno acontece sob o domínio da

¹⁷ Ver a respeito os importantes estudos de Maria Aparecida de Moraes Silva, dentre os quais, destaque “Trabalho e meio ambiente: o avesso da moda do agro-negócio”, escrito em co-autoria com Rodrigo Constante Martins e publicado em *Lutas & Resistências*, v. 1, Londrina, set. 2006, p. 91-106.

¹⁸ Consultar a respeito Francisco de Oliveira, *Crítica da razão dualista. O ornitorrinco* (São Paulo, Boitempo, 2004).

idéia de que *não há alternativa* para o mundo do capital, algo que cresceu de modo acentuado principalmente após o fracasso das principais experiências do chamado socialismo realmente existente. Os posicionamentos possíveis daí resultantes podem pender para uma *resignação reformista*, característica de governos ora compostos por figuras com histórico ligado à luta contra os regimes militares, à formação de um sindicalismo propositivo etc. Bachelet no Chile, Lula no Brasil, Kirchner’s na Argentina, Tabaré Vasquez no Uruguai logram êxito ao dar sentido social-assistencialista ao seu modo de realizar o neoliberalismo. Mas, o populismo que praticam parece aquém do caudilhismo getulista ou peronista, que ao seu tempo usaram a mão-de-ferro para refletir por aqui o lustro (ainda que embaçado) das políticas do pleno emprego, do Estado de bem estar social. A função social dos atuais dirigentes consegue, no máximo, aliviar, em alguns casos, a imediatidade dos efeitos mais cruéis das políticas neoliberais, reproduzindo a miserabilidade prevalecente.

Entre os atuais governantes latino-americanos há os que optaram por um colaboracionismo cego com o que há de mais perverso e irracional na atualidade do capital: o complexo industrial militar dos EUA e sua ramificação pelos negócios mais escusos do planeta. Álvaro Uribe na

Colômbia vem executando bem o papel de preposto do império e trazendo um efetivo risco de guerra para o continente.¹⁹

À esquerda, uma nova tendência política se destaca sob a liderança da Venezuela, seguida da Bolívia e Equador que, entre outros fatores, vem carreando apoio crescente para o socialismo cubano.

Ao mesmo tempo, toda uma nova geração de movimentos sociais de massa com centralidade no trabalho emerge na América Latina em função das complexas adversidades enfrentadas. Pensamos nos zapatistas, no México, *piqueteros*, na Argentina, indígenas *cocaleros*, na Bolívia, Equador, Farc, na Colômbia, MIR, no Peru, nas fábricas recuperadas, desde a Venezuela, Argentina, Brasil. Dentre todos, se destaca o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no Brasil, que este projeto de pesquisa considera uma base fundamental para compreendermos a praxis destas expressivas organizações alternativas constituídas no mundo do trabalho latino-americano.

Convenhamos que, a princípio, esta alternativa não chega a consubstanciar uma escolha entre outras. Pois diante dos duros golpes recentemente sofridos pela classe trabalhadora e do afunilamento do seu espaço de atuação no campo da luta de classes, esses movimentos sociais, de base

classista, surgem muitas vezes como *única* alternativa possível para as necessidades imediatas dos indivíduos que congrega. Formadas à margem da tutela do Estado e fincadas no plano das mediações de segunda ordem do capital, a ampliação do potencial dessas alternativas vai depender da processualidade histórica *constituída e das suas possibilidades de ampliar o leque das decisões necessárias*. Pois, como diz Lukács, a “alternativa se estende até ser a alternativa de uma atividade justa ou desastrada, por convocar à vida categorias que apenas no processo de trabalho tornam-se formas de realidade”.

A intenção é buscar elementos para discutir as dimensões anticapitalistas do MST não só em relação à negação da ordem, mas, e fundamentalmente, em relação a sua capacidade de construir a positivação de uma alternativa societária. Obviamente, não é nada fácil responder a tais questões de modo direto e à queima-roupa, mesmo porque todas elas tratam de um processo ainda a revelar-se plenamente. No máximo, é possível tracejar pontos para o debate já que o MST realiza uma praxis com poder de confronto *potencialmente* capaz de transformar a realidade existente. Isso vai depender das formas de conduzir os dilemas enfrentados em sua processualidade e, sobretudo, de basear-se no princípio orientador e operativo da **autocrítica permanente**. Tal processo se

¹⁹ Veja-se, por exemplo, a invasão do território equatoriano e o assassinato de líderes das Farc pelas forças armadas da Colômbia.

deve à necessidade do movimento social de massa implantar, mediante sua praxis cotidiana, mudanças radicais na divisão social do trabalho e construir, num todo coerente, uma sociabilidade nova em direção à *igualdade substantiva*.

Neste sentido, partimos da premissa de que a questão feminina é basilar até por que

(...) dadas as condições estabelecidas de hierarquia e dominação, a causa histórica da emancipação das mulheres não pode ser atingida sem se afirmar a demanda pela *igualdade verdadeira* que desafia diretamente a autoridade do capital, prevalecente no “macrocosmo” abrangente da sociedade e igualmente no “microcosmo” da família nuclear.²⁰

Para isso, acompanhamos a organização interna das mulheres que compõem o MST, com destaque para as ações que, desde 2006, efetuam em oito de março, *dia internacional das mulheres*.²¹ Em todos esses momentos, uma questão que nos parece particularmente problemática é a de que, muito embora a supressão da opressão das mulheres seja vital à construção de uma alternativa societária, essa afirmação está muito aquém de

constituir unanimidade no interior do MST.

Ao que tudo indica, a atuação mais efetiva dos homens está voltada à realização objetiva das questões econômicas, tendendo a arrefecer com a conquista da terra e a formação dos assentamentos. A positividade desta conquista para o movimento como um todo é obviamente incontestável, mas pode também se converter numa regressividade – tendo em vista a retomada das relações hierarquicamente estruturadas – sobretudo para as mulheres que experimentam neste processo o retorno à antiga condição de seres submetidos à dominação patriarcal. É neste momento que as mulheres, ou pelo menos parte substantiva delas, tomam a decisão de não aceitar esse retrocesso e passam a lutar no interior do movimento pelo reconhecimento de seu papel fundamental em todos os momentos de afirmação da luta. Ou seja, são as mulheres que vêm impondo uma necessária autocrítica permanente ao movimento como um todo.²²

²² “Fundar y construir una nueva civilización humana – desafío presente de la humanidad em busca de supervivencia – significa fundar y construir un nuevo modo de vida. Esto significa incorporar la noción y visión de género como elemento constitutivo del pensamiento y las prácticas cuestionadoras de las sociedades actuales, y de los procesos de construcción de las nuevas. Ello posibilitará hacer visibles y modificar las relaciones sociales asimétricas establecidas entre hombres y mujeres, base para la producción y reproducción de otras tantas asimetrías y discriminaciones: de color de piel,

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 271.

²¹ Importante considerar que as ações das mulheres do MST vêm sendo articuladas em conjunto com as mulheres de outros movimentos que integram a Via Campesina.

Sua luta, portanto, não parece ser contra os homens, mas contra as deformações patriarcais que todos (inclusive mulheres) carregam e reproduzem no movimento. Sua praxis ganha ainda mais radicalidade no confronto direto contra as transnacionais que reproduzem de forma explosiva a prática da monocultura e da destruição ambiental.

O quadro, enfim, descreve uma situação particularmente rica para tentarmos compreender e enfrentar os rumos atuais da organização da classe trabalhadora, tendo em vista as características que hoje se demandam do sujeito da transformação social. E, nesta medida, reúne alguns dos elementos que, a princípio, nos parecem essenciais: o protagonismo radical de *mulheres trabalhadoras* que, do interior de um *movimento social de massas* dos mais significativos da *América Latina*, enfrenta alguns dos epítetos mais consagrados do *sistema sócio-metabólico do capital* na atualidade, desafiando a própria capacidade deste movimento de constituir uma *sociabilidade substantivamente igualitária*.

Com base nisso, considera-se que a realidade descrita na seqüência corresponda

discapacidad física, etnia, cultura, belleza, identidad sexual, etc.” Isabel Rauber. ”Gênero y alternativas populares en Latinoamérica y el Caribe”. Texto baseado no artigo “Movimientos sociales, género y alternativas populares en Latinoamérica y el Caribe”, publicado em *Itinéraires IUED*, Genebra, n. 77, 2005.

a uma síntese importante das questões que se pretende abordar aqui.

O PROTAGONISMO FEMINISTA NA PRÁXIS RADICAL DO MST E DA VIA CAMPESINA²³

Para se ter uma idéia da amplitude e da crescente radicalização do movimento de mulheres da Via Campesina é suficiente acompanhar as últimas ações que vêm, desde 2001, caracterizando o dia 08 de março.

Entre 2001 e 2005, sua luta não só mantém a denúncia contra discriminações e maus-tratos submetidos às mulheres, como transcende a dimensão específica de suas causas remetendo-a contra a produção de transgênicos baseada na monocultura.

Mas, é no dia 8 de março de 2006 que suas ações ganham expressividade nacional quando cerca de 2000 mulheres, militantes das várias organizações²⁴ que compõem a Via Campesina no Brasil, ocuparam o Horto Florestal da Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro, Rio Grande do Sul. O ato de enfrentar uma

²³ Neste item, ampliamos o universo da realidade social observada porque nos últimos anos as ações realizadas pelas mulheres no dia 8 de março têm sido conjuntas

²⁴ MST - Movimento de Trabalhadores Sem-Terra, MPA - Movimento de Produtores Agrícolas, MAB - Movimento de Atingidos por Barragens, MMC - Movimento de Mulheres Camponesas e MTD - Movimento de Trabalhadores Desempregados.

transnacional tão gigantesca, de violar seus domínios e destruir uma respeitável quantidade de mudas transgênicas prontas para o plantio foi o modo extremo que encontraram para protestar contra as graves conseqüências sócio-ambientais provocadas pelo imenso Deserto Verde, uma imperativa especialidade da empresa escolhida: o monocultivo do eucalipto destinado à produção de celulose em larga escala. O ato, enfim, praticado por mulheres trabalhadoras em defesa do meio ambiente e *contra o capital*, transformou a data numa jornada internacional de luta das mulheres contra toda e qualquer forma de exploração. Em função desse processo de luta, as mulheres do movimento criaram a Articulação Deserto Verde.²⁵

Em 2007, o movimento avança, apesar da forte repressão policial, da opinião pública adversa, da censura da imprensa majoritariamente comprometida com o sistema, e, em não poucos casos, dos próprios constrangimentos domésticos. Em silêncio, as mulheres da Via Campesina se organizam, mas, uma vez nas ruas, soltam a voz para denunciar os efeitos nocivos do Etanol, biocombustível em perigosa ascensão no país.²⁶

²⁵ Ver, pelo You Tube, o vídeo *Rompendo o silêncio I e 2*.

²⁶ Em reportagem publicada no jornal *Folha de São Paulo* (A 11 - Ciência) de 7 de janeiro de 2008, pesquisadores do Instituto Smithsonian, do Panamá, alertam para o fato de que dos 26 produtos que fornecem biocombustíveis, ou energia “limpa”, 12 deles são mais nocivos ao

No corrente ano, a Jornada de Luta das Mulheres da Via Campesina teve seu início com a ocupação da Fazenda Tarumã, propriedade ilegal de outra poderosa transnacional da celulose, a sueco/finlandesa Stora Enso, situada na cidade gaúcha de Rosário do Sul. Durante a ação, 900 mulheres e 250 crianças abriram uma vasta clareira no Deserto Verde para plantar e devolver à terra milhares de mudas de árvores nativas inescrupulosamente extirpadas pelo capital.²⁷

Para compreender verdadeiramente a ação, é necessário esclarecer que a Stora Enso tem por “meta formar uma base florestal de mais de 100 mil hectares e implantar fábricas na região.” Entretanto, a empresa é estrangeira e, de acordo com a legislação brasileira (Lei nº. 6634 de 1979 e o artigo 20, parágrafo 2, da Constituição Federal) não pode adquirir terras em uma faixa a 150 km da fronteira do Brasil. Num expediente corriqueiro, criou a agropecuária Azenglever, empresa laranja de propriedade de dois brasileiros. Em nome dela, a transnacional possui cerca de 50 fazendas, totalizando mais de 45 mil

meio ambiente do que a gasolina, incluindo entre eles o etanol proveniente da cana-de-açúcar, pois esta cultura agrícola utiliza grande quantidade de água, polui os rios mais próximos e com a prática das queimadas contribui para o agravamento do efeito estufa..

²⁷ Ver, pelo You Tube, o vídeo *Mulheres ocupam a Stora Enso*

hectares, dentre as quais está a Tarumã. Por isso é que as mulheres exigem

a anulação das compras feitas ilegalmente na faixa de fronteira e a expropriação dessas áreas para reforma agrária. Somente nos 45 mil hectares que estão em nome da Azevengler dariam para assentar 2.250 famílias, gerando 6.750 empregos diretos. Atualmente 2,5 mil famílias estão acampadas no Rio Grande do Sul, e o INCRA alega não haver terras para fazer assentamento.²⁸

Os eventos se multiplicam²⁹ e em todos os locais onde foram registrados, a reação contra as mulheres e seus filhos foi brutal. Apesar de todas as adversidades, porém, parecem determinadas a continuar surpreendendo por sua praxis ousada, palavras de ordem radicais e consciência arguta do papel histórico que desempenham, em amplo espectro. Pois são elas que desafiam o sistema de produção vigente e desmascaram o

desrespeito pleno do capital pela mulher, sobretudo pela mulher trabalhadora.

Diga-se de passagem, que essas ações concretizam uma inteira iniciativa das mulheres. Inicialmente criticadas pelas lideranças masculinas do movimento, suas manifestações, conforme informações recebidas, vêm recebendo maior apoio e colaboração efetiva dos homens.

A praxis dessas mulheres evidencia um elevado grau da sua consciência de classe que, a partir da dimensão de sua própria luta, potencializam o que nela possa haver de específico e trazem luz aos gravames irreversíveis das contradições que, de modo mais amplo, habita a relação atual do capital com o mundo do trabalho. Além de pôr em xeque falácias da legalidade burguesa, expõe para que o mundo todo testemunhe a tragédia ambiental que o atual padrão de acumulação impõe ao Brasil, país meridional, estruturalmente destinado à condição de colonialidade e de periferia.

Nessa medida, o movimento de mulheres da Via Campesina não só confirma a radicalidade da prática de ocupação que vem distinguindo a luta pela reforma agrária do MST desde a sua mais remota origem, como parece constituir uma singularidade ainda mais instigante. Trata-se, pois, de um movimento amplo, crescente e muito articulado de mulheres trabalhadoras, acampadas, assentadas,

²⁸ Ver jornal *Brasil de Fato* ano 6, nº. 262, mar. 2008. Convém ressaltar também que o governo Lula promoveu menos assentamentos que o de FHC. Foi eleito com a promessa de assentar 400.000 famílias, porém, até 2006 somente 80.000 haviam recebido terras. Além disso, o MST denuncia que entre os assentamentos contabilizados, muitos se referem à regularização de terras públicas ocupadas há muito tempo por colonos. Portanto, essas medidas, além de não se destinarem ao MST, não atingem a estrutura fundiária.

²⁹ As ações se alastraram pela Monsanto, empresa de agroquímicos, em Santa Cruz das Palmeiras, estado de São Paulo, pela mesma Aracruz, Bayer e pela Sygenta Seeds que, em 2007, assassinou um militante da Via Campesina, no Paraná.

camponesas, operárias, comerciantes, comerciárias, ambulantes, artistas, estudantes, mães, solteiras, casadas, hetero e homossexuais, africanas, indígenas, européias, orientais, católicas, protestantes, evangélicas, judias, espíritas, mães de santo.³⁰ Todas mulheres, cuja perspectiva de classe potencializa seu poder de crítica e autocrítica, de desafiar os avanços absolutamente destrutivos do capital, de enfrentar os destacamentos do Estado e das milícias paramilitares, cuja cumplicidade vem comprovando a incompetência e os limites das instituições democrático-burguesas que só podem lhes prometer as ilusões do direito formal. Todas, mulheres que parecem dar um salto ontológico em direção à emancipação ao exigir a construção de uma sociabilidade que seja efetivamente capaz de realizar a *igualdade substantiva*.

³⁰ Além disso, é importante ressaltar que tem sido cada vez mais expressiva a quantidade de mulheres do MST e da Via Campesina provenientes do meio urbano, muitas das quais oriundas das condições mais degradantes das periferias. O fato, portanto, exige uma compreensão mais rigorosa do significado expresso hoje pelos movimentos sociais pautados na luta pela terra.